

**O DOCE
VENENO DO
ESCORPIÃO**

Bruna Surfistinha

O DOCE VENENO DO ESCORPIÃO

O diário de uma garota de programa

Depoimento a
Jorge Tarquini

27ª impressão



© 2005 Bruna Surfistinha

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Coordenadora editorial
Tatiana Fulas

Assistente editorial
Vanessa Sayuri Sawada
Juliana Paula de Souza

Assistente de arte
Alex Yamaki

Projeto gráfico
Luciana Porto Alegre Steckel

Diagramação
Divina Rocha Corte

Preparação de texto
Alessandra Miranda de Sá

Revisão
Ana Maria Barbosa
Cristiane Goulart
Maria Dolores D. Sierra Mata

Foto da capa
Carol do Valle

Impressão
Cromosete

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Surfistinha, Bruna

O doce veneno do escorpião / Bruna Surfistinha. – 1.ed. – São Paulo : Panda Books, 2005. 172 pp.

ISBN: 978-85-76950-17-2

1. Surfistinha, Bruna. 2. Prostitutas – Biografia. I. Título.

05-2960

CDD 920.930674

CDD 929:392.65

2011

Todos os direitos reservados à Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./ Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

twitter.com/pandabooks

blog.pandabooks.com.br

Visite também nossa página no Facebook e no Orkut.

Interfone. Ele chegou! Deixei subir. Enquanto ele pega o elevador, checo os últimos detalhes: cabelos escovados, pele cheirosa, boca pronta para o que der e vier. No quarto, a cama à espera, a luz bem leve. Para completar o clima, coloco um CD (se ele for chato, toco baladinhas, *techno*, para agitar um pouco; se for legal, prefiro Jota Quest, Emerson Nogueira, uma coisa mais romântica). Visto uma saia bem curta e provocante, com um *top* que valoriza meus seios. Tudo fácil de tirar. Ou de ser tirado. Calço sandálias bem altas. Não que me importe de ser baixinha. Faz parte do meu charme. Toca a campainha. Atendo. Ele entra. Me beija no rosto e se apresenta, já que é sua primeira vez comigo. Mesmo sem precisar, faço o mesmo. Pego ele pela mão e o levo até o sofá. Em clima de namoro, a conversa começa e logo ruma para a putaria.

“Hoje, quero te pegar de jeito, por trás.”

“Mas você quer minha bu... ou meu c...?”

“Eu quero tudo”, ele responde no meu ouvido enquanto passeia sua mão pelas minhas coxas.

Sua boca ofegante roça o meu pescoço; sinto a barba por fazer, enquanto com minhas mãos entre suas pernas sinto o mundo virar pedra. Com um puxão dele, o *top* desliza e meus seios pulam para fora. Como quem descobre um novo brinquedo, deixo que ele segure firme, mas com carinho. O bico do meu seio fica intumescido com aquela língua atrevida passeando pela auréola. Sinto sua respiração quente, ofegante. Lambe um seio, depois o outro, junta os dois com as mãos, querendo encher a boca como um garoto guloso. Na confusão de roupas tiradas com pressa, ele puxa minha calcinha e desce com a boca até o umbigo. Pára. Me olha com um jeito sacana.

“Você quer que eu te chupe?”

“Quero.”

“Agora ou depois?”

“Você é quem sabe... A língua é sua.”

“Mas a bu... é sua.”

“Então, quero agora.”

Gozei muito, sem precisar de nenhum esforço interior. Foi bom de verdade. E estava só começando.

Subimos a pequena escada de caracol do meu *flat* direito para o quarto. E ele já foi “encapotando” o p..., para aproveitar o meladinho da bu..., e engatamos o mais comportado papis e mamis.

“Cavalga em cima de mim.”

Primeiro, montei de frente e, com ele todinho dentro de mim, me virei de bumbum para ele. Não demorou muito até que ele saísse de mim e me pedisse para retribuir com a boca a gentileza. Chupei até ele gozar, com ele agarrando com delicadeza meus cabelos longos.

Mal deu tempo de a gente conversar. Ainda com a boca, reanimei o menino. Num 69 alucinado, ele começou a brincar na minha bunda. Isso me excitou. Não resisti e montei. Ele, todo engatado no meu c..., me levantou e me botou de quatro. No fim, pediu para gozar na minha boca mais uma vez. Deixei. O CD chegou ao final quase junto com o nosso segundo tempo. *Game over*. O fim do CD é o sinal de que a hora que ele tem comigo acabou. Se quiser, pode tomar um banho, pagar o que combinamos por telefone e...

“Até logo.”

Sem ressentimentos. A fila anda. Serviço prestado, pagamento feito (e conferido, de forma discreta, sem ele perceber, claro). Ele foi o primeiro cliente do dia. Tenho mais cinco pela frente. Com menos de uma hora e um banho entre um cliente e outro, mal tenho tempo de me refazer. Prefiro fazer tudo de uma vez, cumprir logo minha meta de cinco programas diários e ficar livre o quanto antes. Hoje, a agenda está funcionando. Quando eu ou o cliente nos atrasamos, o jeito é o próximo que chega ficar lá na recepção, esperando. Até tudo recomeçar.

O ritual da chegada, do *check-list* do corpo e do quarto assim que o interfone toca é o mesmo para os que virão. O segundo cliente é o tipo de cara bem tímido, que você tem de pegar pela mão e com quem se tem de conduzir a transa. Foi mecânico. Com ele, não consigo gozar, pois a trepada é tensa – para os dois. O terceiro, moleque de tudo, tem fôlego (e rapidez) para me comer três vezes. Como é o terceiro programa comigo, batizei-o de coelhinho – mas ele não sabe. Na base da rapidinha, quem não tem tempo de gozar sou eu. Não faz mal: rola afinidade e a gente sempre conversa bastante.

O quarto traz a amante para uma festinha a três. Uma mulher muito interessante – e entendida do riscado. Não era bonita, porém me acendeu. Se eu

não me controlo, e a amiguinha dele também, quase que ele fica “na mão”, literalmente. Claro que eu não ia deixar isso acontecer... Enquanto ela me chupava, com ele me comendo, cavalguei gostoso e gozei. Não pela cavalgada, mas pela língua.

O quinto era estilo “homem para casar”. Não rolou química, mas teve muita afinidade. Quarentão, conseguiu fazer uma coisa que eu nunca tinha visto: gozou sem nem tocar no p... enquanto eu chupava o saco dele. Ah, ele me trouxe uma torta de limão. Muito boa. Depois de eu cavalgar um pouquinho, o segundo tempo terminou com ele gozando na minha boca.

O sexto e último do dia quer que eu o leve a um clube de *swing*. É sua primeira vez em uma casa dessas. Mais um que vou levar para o mau caminho...

Como a noite estava gostosa, e fazia tempo que eu não usava vestido, escolhi um que, na verdade, é apenas um pedaço de pano: tem um decotão na frente e é do comprimento que cobre apenas o bumbum e a bu... Aproveitei para ir com uma sandália de amarrar na perna. Queria arrasar. E, claro, consegui. Eu era a mais gostosa do Marrakesh naquela noite. Mas ele, mesmo depois de bebermos e dançarmos um pouco, não conseguia entrar no clima de suruba.

“Não estou à vontade numa sala com tanta gente trepando.”

Fomos para a única sala onde homens desacompanhados podem entrar. Sentei em um sofazinho vazio e ele começou a me chupar. Do nada, apareceram uns caras. Sentou um de cada lado no sofá e outros dois ficaram de pé, só olhando. Quando ele percebeu o movimento, se assustou e acabamos indo para um quartinho privativo, só nós dois. Como tinha rolado química, nem fiz questão de trocar de casal. Ele também não quis. Rolou a noite toda. Chupeita, espanhola, beijo grego... Sempre que vou num *swing*, fico excitada com a chance de, numa dessas trocas, ficar com uma mulher interessante. Hoje, para sorte do meu cliente, só havia tiazinhas. Nada contra as tias, só que não me dão tesão. Quase rolou com um quarentão que me puxou, mas ele estava desacompanhado. Mesmo que não tenha rolado de eu chupar nenhuma bu... ou de ter trocado de casal, a madrugada valeu muito. Cheguei em casa às 5h30 da manhã.

Transas enlouquecidas, surubas, muitos homens (e mulheres) diferentes por dia, noites quase sem fim. O que pode ser excitante para muitas garotas como eu, na efervescência dos vinte anos, para mim é rotina. É meu dia-a-dia de labuta já faz três

anos. Trabalhando cinco dias por semana, com uma média de cinco programas por dia – é só você fazer as contas para saber quantas vezes já transei por dinheiro. Por mais que eu chegue a curtir, a gozar de verdade, ainda assim é trabalho. Trabalho que escolhi por não ter outra escolha quando... Bem, é uma longa história. A minha, pessoal, e a da Bruna. Sim, somos duas. Com duas histórias diferentes numa mesma garota: eu.